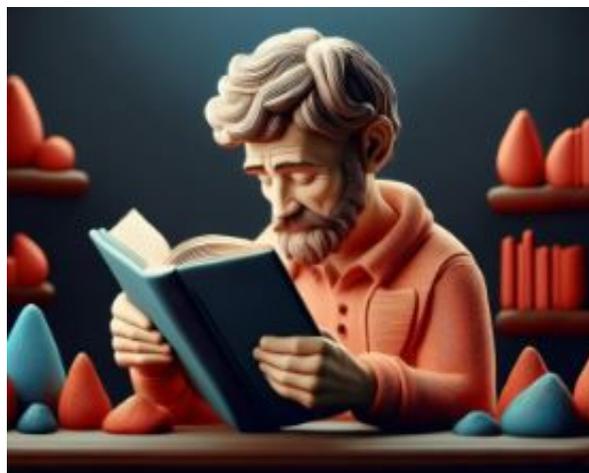
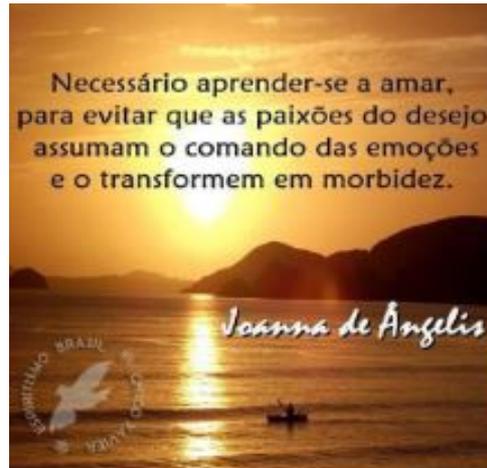


Aprender



Aprender

Aprender

Falando sobre Aprender

Aprender – (DICIO) Começar a compreender melhor, normalmente, pelo uso da vivência, da sensibilidade etc.: aprendeu que a vida é dura; aprendeu com seus próprios erros.

Aprender – (Espiritismo) Como podemos nos tornar pessoas melhores? Como retirar do coração e da mente sentimentos e valores que não apreciamos mais, que não nos fazem bem?

Sabedor das nossas dificuldades e mazelas, foi Jesus quem nos indicou buscá-IO, quando estivéssemos cansados e aflitos pois Ele nos aliviaria.

Ensinando que Seu fardo é leve e suave o Seu jugo, esclareceu que o grande alívio da alma é Sua proposta de amar.

Portanto, quando cansados de nós mesmos, quando fartos de repetir os mesmos erros e tropeçar nas mesmas dificuldades, busquemo-IO.

Aprender

Crônicas e artigos:

Assunto	Origem	Pagina
O papel do educador é aprender	O Consolador	04
Aprender e retificar	O Consolador	06
Brincar é aprender	O Consolador	07
A importância da primeira infância	O Consolador	09
Aprender com Jesus	O Consolador	11

O papel do educador é aprender

A professora Heloisa Pires, em uma de suas obras, indicou que a educação visa fazer aflorar todas as experiências úteis do indivíduo, assim como atenuar as tendências viciosas que porventura ainda existam em cada um.

Seu pai, o saudoso e querido professor J. Herculano Pires, trouxe uma referência à educação espírita que retrata a importância do tema, em função de sua complexidade, quando descreve que “o Espiritismo se apresenta na ordem geral das concepções humanas como o último elo da cadeia de sistemas educacionais na evolução terrestre”.

Ainda na esteira das reflexões em torno do pensamento de autores espíritas, o também professor Ney Lobo aborda que cabe ao aspecto “religioso” do Espiritismo a Educação.

Diante desse entendimento, é oportuno observar o pensamento dos educadores espíritas em relação ao pensamento de educadores acadêmicos. Semelhanças são percebidas quando se estuda que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, como asseverou o professor Paulo Freire.

Tal reflexão encontra ressonância no pensamento da professora Heloisa Pires.

O professor Paulo Freire continua esclarecendo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Isso responde, caso exista alguma dúvida, sobre o título dessas singelas reflexões em torno de um tema espiritual de expressiva relevância, que é a educação do Espírito.

O Espiritismo é uma fonte primorosa de conhecimento. O conhecimento é um recurso poderoso do Espírito que se desenvolve ao utilizar-se a inteligência de maneira a construir uma vida melhor para si e o seu entorno.

No entanto, parece que o conhecimento não é tão simples assim de se adquirir.

Para conhecer é preciso analisar. Para analisar é preciso entender. Para entender é importante utilizar os sentidos, além da inteligência, criando assim um ambiente propício para a transformação. Talvez, compreendendo o alcance dessa necessidade, o sociólogo alemão Ulrich Beck, tenha utilizado a palavra “**metamorfose**” no lugar de transformação para ilustrar o movimento que se busca imprimir em uma existência. Ao explicar o sentido da palavra, não seria de todo equivocado supor que o autor pudesse ter estudado as obras de Allan Kardec ou ainda ser intuído por Espíritos Superiores em seu trabalho.

O autor diz que “metamorfose não é uma mudança social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise.

É uma maneira de mudar a natureza da existência humana.” Segundo Beck, a metamorfose desafia nosso modo de estar no mundo, de pensar sobre o mundo.

É tão profundo que associar essas reflexões ao que a Doutrina Espírita propõe em termos de transformação íntima é no mínimo uma responsabilidade que se deve ter na divulgação do Espiritismo.

Aprender

Falar com simplicidade, expor com sabedoria, viver intensamente aquilo que se diz é o que o Espírita está construindo.

Quanto mais desafiador for esse processo, mais próximo do aprendizado está aquele que ensina. Por que? Porque as experiências da vida precisam vibrar na acústica da alma de maneira a proporcionar as conexões entre os recursos que se tem e as necessidades que precisam ser trabalhadas para o progresso espiritual.

Nesse sentido, ensina com mais acerto aquele que aprende, que sente, que encara as dificuldades da vida com galhardia, errando, caindo, sofrendo, para entender o real significado de cada tropeço nessa jornada de aprendizado.

Tudo se conecta, o tempo todo, como um enorme “sistema”, cujo papel do educador é tentar reconhecer os padrões, filosóficos e matemáticos, expostos ou ocultos, para conjugar um novo alfabeto, em que o tropeço represente oportunidade, as quedas, ascensão, o sofrimento, amor, e assim sucessivamente até que as compreensões sejam dilatadas e o Espírito esteja preparado para uma nova compreensão do seu papel na existência.

Por isso, quantificar o tempo que se dedica ao trabalho educativo de ensinar, como se estivessem nas horas utilizadas o poder metamorfoseador, é ignorar a transformação que a Educação opera, quando aplicada em bases profundas no decorrer das reencarnações.

Não se muda uma existência repetindo o passado; não se contribui para a transformação pessoal, com medo de enfrentar seus compromissos, escudando-se em trabalhos sociais ou dedicando-se tempo à divulgação do Espiritismo, quando o trabalho educativo está nos ambientes de maior exigência dos valores espirituais, aqueles que o indivíduo tangencia, acreditando defender-se; não se constrói relações reais, de caráter fraterno e duradouro, manipulando informações para que as pessoas executem aquilo que o egoísmo propõe como trabalho cristão; não se muda um movimento de divulgação sem esclarecer os erros cometidos na criação de sectarismo e o seu impacto na atualidade; não se muda uma existência religiosa, cultivando hábitos religiosos que sufocam as possibilidades de um pensamento livre de convenções; por fim, não se muda uma existência, e nem o seu papel como educador, sem aprender.

Demore o tempo que for, viva a vida da maneira que dê conta. Cada movimento disposto a encontrar respostas, é um passo importante, ainda que trôpego, rumo ao despertar da consciência para a evolução do Espírito.

Vladimir Alexei, O papel do educador é aprender,

O Consolador, Nº 868 – 29/04/2024

Aprender

Aprender e retificar

Não há experiência sem preço.

Tudo na vida corresponde a certo resultado.

Por isso mesmo, conhecemos no mundo o verbo aprender e o verbo retificar.

A escolha determina o trabalho.

O trabalho mede as qualidades do espírito.

Um homem demandará um diploma universitário que lhe confira direito ao exercício nessa ou naquela profissão liberal.

Com semelhante desígnio, porém, não atinge a meta à custa de expectativa e votos ardentes.

O programa a concretizar-se requer estudo, com larga despesa de atividade e atenção.

Anos a fio são gastos naturalmente em disciplina, até que a láurea lhe consagre a tarefa.

É isso verdadeiramente aprender.

Mas, se o profissional abusa do título conquistado para ferir os outros, é justo assuma compromissos perante a vida que somente no labor da expiação conseguirá redimir.

Temos aqui o reajuste em ação, compelindo a criatura a genuíno retificar.

Diante do sofrimento, é imperioso esquecer a antiga noção do crime e castigo, porquanto a evolução não aparece na calha da gratuidade.

Refazimento é reequilíbrio.

Toda educação pede renúncia e todo aprimoramento roga serviço.

A paz verdadeira nunca foi prêmio à ociosidade.

Todas as grandes realizações clamam por grandes lutas.

Em razão disso, se é certo que ressarciremos com mais trabalho os benefícios da vida de que estejamos abusando, é preciso saibamos escolher, com determinação e firmeza, o caminho do esforço máximo na exaltação do bem, a fim de que sejamos considerados, perante a Lei, na condição de operários fiéis ao salário da Eterna Luz.

Elucidações de Emmanuel, Aprender é retificar, O Consolador, Nº 195 – 06/02/2011

Emmanuel, Livro: Nascer e renascer, (cap. 3), (Chico Xavier)

Brincar é aprender

As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade.
Mario Quintana

Décadas de investigação e estudos comprovam a importância de brincar para o desenvolvimento integral das crianças.

Criança que brinca tem oportunidade de explorar, estimular, todos os aspectos do seu crescimento – cognitivo, afetivo, motor e social.

Infelizmente, cada vez mais escutamos relatos sobre crianças que não brincam ou brincam pouco, a agenda da semana tomada por atividades extracurriculares ou por uma excessiva orientação para o estudo intelectual por parte da escola, que tem arrancado da criança tempo para brincar.

A criança brinca quando está em casa? Quanto tempo passa o menino de seis anos diante das telas – TV, videogame, tablet, o celular da mãe? Será que o pai sabe que durante esta atividade hipnótica a criança absorve as histórias e fantasias de outras pessoas? E essa criança perde a chance de exteriorizar as próprias histórias, resultando um dia um adulto criativamente empobrecido, quiçá obeso, insatisfeito, incapaz de solucionar problemas domésticos, uma escassa empatia no trabalho...

É certo que a criança nasce com uma enorme necessidade de desenvolver-se e aprender. Mas o desejo de uma criança por aprender se relaciona estreitamente com o prazer de brincar.

Quando as crianças brincam embaixo da mesa da sala, no quintal, no parque, no jardim de infância, uma profunda sensação de bem-estar delas emana.

Apenas isto é razão suficiente para fomentar e proteger o brincar livre, pois a investigação séria também aponta um importante número de benefícios e habilidades cognitivas e socioemocionais que resultam da atividade dedicada simplesmente a este brincar espontâneo, criativo.

As crianças não são máquinas.

São seres humanos e estão governados por processos internos.

Acelerar a infância, exigindo da criança tarefas e ritmos inadequados, só causará danos a vários aspectos de sua vida – físico, emocional e mental, comprometendo tristemente sua biografia futura.

Especialmente no Brasil, onde, de um modo medíocre, estamos ocupados em criar nossos filhos de modo “acelerado”, precisamos lembrar que é fundamental deixar de apressar nossos filhos.

Afinal, nossas crianças têm o direito de crescer e amadurecer a um ritmo mais humano e isso depende de tempo para brincar livre – mas tempo cotidiano, pois é muito injusto ser criança apenas no fim de semana.

Notinhas

Aprender

Infelizmente, cada vez mais estão desenvolvendo programas que situam as crianças pequenas apartadas das brincadeiras, porque largamente a favor da alfabetização precoce.

No entanto, sem esquecer que brincar é aprender, há aspectos relacionados ao desenvolvimento global que as crianças desde pequenas necessitam: adultos que tenham manejo e cuidado com a própria linguagem; músicas e cantigas infantis, brincadeiras com fantoches/marionetes; livros lidos em voz alta, à medida que tudo isso estrutura a base de uma vida que aprecia a linguagem e a leitura.

Eugênia Pickina, Brincar é aprender, O Consolador, Nº 571 – 10/06/2018

A importância da primeira infância

A criança aprende brincando. Mais importante, ao brincar, a criança aprende a aprender.
O. Fred. Donaldson

Do nascimento até completar 6 anos. Essa é a primeira infância.

A influência do meio familiar se mostra importante em diversas fases da vida, mas, nessa etapa, aparece como um fator fundamental.

Por isso, no ambiente doméstico, nesses anos iniciais, a criança se desenvolverá do ponto de vista cognitivo, afetivo e social a partir das interações que estabelece com os adultos em sua convivência diária.

Depois, através da experiência escolar, professores, funcionários, a presença de outras crianças, todos eles também participarão diretamente do desenvolvimento infantil.

O aprendizado se dá por diferentes linguagens e principalmente brincadeiras na primeira infância.

Ou seja, as brincadeiras são de extrema importância para a realização de conexões de neurônios, desenvolvimento da cognição, aprendizado e interação social.

Sem dúvida, criança que brinca é criança que desenvolve suas potencialidades.

O contato com a natureza também é fator intrínseco ao desenvolvimento pleno da criança.

É no contato com os elementos da natureza que a criança pode ver como as coisas funcionam e observar as transformações dos elementos naturais, como, por exemplo, quando está a brincar num parque e recolhe folhinhas do chão.

O que ela vê? O que ela sente ao ver e tocar essas folhinhas? É imprescindível que os momentos de brincar ao ar livre sejam garantidos à criança.

De outro lado, a atenção com o ambiente doméstico também deve vigiar os hábitos da vida moderna refletivos na primeira infância, como o uso excessivo de equipamentos eletrônicos, como televisores, tablets...

Não esquecer ainda que celulares não cabem na infância, pois para tudo há um tempo...

Em casa, os pais podem, por exemplo, oferecer aos filhos espaços e oportunidades para o brincar.

Estimular a criança a correr, saltar, dançar, esconder-se, brincar com água, pular corda, fazer comidinhas, escorregar, dançar, subir na árvore, brincar nos parques, ouvir histórias, brincadeiras de roda, jogar, fazer pipas, bonecos com meias que não servem mais para o uso, dobraduras como um barquinho de papel, brincar na chuva...

Que tal reinventar algumas brincadeiras, adaptando-as aos novos tempos e espaços? Que tal conhecer um parque aberto no bairro ou na cidade?

Sem querer antecipar fases, forçar aprendizados ou criar expectativas, nos primeiros anos da vida, ver uma criança brincar é ver um ser humano crescer e aprender.

Aprender

Notinhas

É na primeira infância que a pessoa aprende muito e de forma rápida. As crianças absorvem todo tipo de informação, emoções e experiências que são expostas.

É por isso que, mesmo que ela não compreenda integralmente determinada situação, os sentimentos e palavras ali inseridos serão incorporados.

Quando a criança está em um ambiente de conflitos constantes, falta de estímulos ou em condições de extrema pobreza e desnutrição, esses fatores culminarão na absorção somente de estímulos negativos, o que prejudica o desenvolvimento cognitivo e social.

O que é cognição? A cognição é um conceito da psicologia que surgiu em meados dos anos 1970 e se caracteriza pelo conjunto de habilidades que um indivíduo tem para perceber, interpretar, conhecer e prever os mais variados estímulos, gerando respostas condizentes a eles.

Ou seja, é a maneira como nós percebemos o que e quem nos cerca por meio dos cinco sentidos.

No Brasil, a pressão por um ensino “forte” ganha vigor a cada dia, e é comum ser exigido que uma criança de 4 anos, por exemplo, saiba ler e escrever, quando teoricamente isso só deveria ser ensinado no 1º ano do ensino fundamental.

Todavia, vemos que países como Suécia e Finlândia vão no sentido contrário, abrindo cada vez mais espaço na grade curricular para o livre brincar, também chamado de brincadeira desestruturada, garantindo à criança acesso à natureza e, portanto, interação com os elementos do mundo natural: sol, terra, água e para subir nas árvores, criar mundos imaginários usando somente objetos simples como panos e caixas, ver as diferentes aves, fazer barulho ou simplesmente ficar em silêncio, ouvindo os sons do entorno. Na primeira infância, na realidade, o principal compromisso da criança é com o brincar.

Eugênia Pickina, A importância da primeira infância, O Consolador, Nº 719 – 02/05/2021

Aprender com Jesus

“Por mais aflitiva seja a tua situação, ampara sempre, e estarás agindo no abençoado serviço de salvação a que o Senhor nos chamou.” (Emmanuel, no livro Fonte Viva, capítulo 139, psicografia de Francisco Cândido Xavier.)

Com frequência, a criatura humana, pensando em fazer algo que lhe ateste possibilidade de engrandecimento espiritual, procura por um modelo de virtude a ser seguido.

Dentre as personalidades que mais se destacaram no mundo, sem dúvida Jesus, com a máxima autoridade, é quem devemos tomar como guia e modelo, visando direcionar nossos passos rumo ao progresso moral, que tanta falta nos tem feito.

O Cristo, para trazer a Boa Nova à Terra, não precisou de títulos, aparato bélico, agitações sociais, movimentos reivindicatórios ou outra espécie de recursos ostensivos, apenas utilizou de superioridade natural, decorrente de sua evolução espiritual, como governador da Terra, contando com alguns discípulos, para que a humanidade conhecesse as lições imorredouras de seu Evangelho.

Dispensou a construção de templos e não fez quaisquer exigências quando espalhou os notáveis ensinamentos que se caracterizam, ainda hoje, como exemplares regras de boa conduta e convivência social.

Junto ao público que o acompanhava, destacavam-se pobres, estropiados, paráliticos, prostitutas, desiludidos, desequilibrados, idosos indefesos, mulheres famintas, que bebiam suas inquestionáveis e alvissareiras lições revestidas de alento e esperanças.

Jesus nunca procurava ostentação, nem tampouco se aproximava, por interesses escusos, de pessoa alguma que pudesse lhe atestar prestígio, fama ou poder. Estava sempre a servir ao irmão do caminho, fosse quem fosse e viesse de onde viesse, de forma totalmente desinteressada.

Suas vestes simples e seus gestos amorosos evidenciavam um comportamento humilde, embora fosse, sem dúvida, a maior autoridade espiritual vivendo no mundo. Foi tão grande que soube colocar-se ao nível do povo para poder cooperar com todos.

Nunca disse que tal religião seria melhor que outra e nem que Deus preferiria mais esse ou aquele. Com vigor pregava a igualdade entre senhores e escravos, ricos e pobres, fortes e fracos, chegando a dizer que não viera para os sãos, mas sim para os doentes, para aqueles que dele precisavam.

Esse, naturalmente, deve ser o nosso guia e modelo.

Observando Jesus não teremos qualquer dúvida sobre como pautar a nossa vida, buscando viver no mundo de forma a se caracterizar como um verdadeiro cristão.

Libertemo-nos das grossas algemas do egoísmo, que enormes prejuízos têm nos causado e nos preocupemos em prestar serviços à humanidade, usando os talentos que a Divina Providência nos agraciou.

Aprender

Público idêntico ao que seguiu o Cristo, há dois mil anos, ainda continua de mãos estendidas, carregando no íntimo as mesmas dores, as mesmas aflições e amarguras. O que estamos fazendo por ele?

Como estamos utilizando o nosso tempo, os nossos recursos, as nossas potencialidades? A humanidade é a nossa família, pois que, enquanto existir uma única criatura em sofrimento, na verdade, a dor é de todos nós e o trabalho ainda está por fazer.

Estudemos, com afianço e dedicação, o Evangelho do Cristo e não teremos dúvidas de como deveremos seguir pela vida, tornando os nossos dias repletos de ações que redundem no bem do próximo.

Em verdade, no mundo, o que há de mais moderno são as lições de Jesus Cristo. Conhecê-las, estudá-las e colocá-las em prática: essa deve ser a nossa urgente e inadiável preocupação, se realmente estamos interessados na paz e na felicidade nossa e daqueles que caminham conosco.

Reflitamos.

Waldenir A. Cuin, Aprender com Jesus, O Consolador, Nº 532 – 03/09/2017